



Vá no seu tempo e vá até o final:

mulheres negras cotistas
no marco dos 60 anos da UnB

Dione Oliveira Moura
Deborah Silva Santos
(Organizadoras)

EDITORA
UnB 60



Universidade de Brasília

Reitora : Márcia Abrahão Moura
Vice-Reitor : Enrique Huelva

EDITORA



UnB

Diretora : Germana Henriques Pereira

Conselho editorial : Germana Henriques Pereira (Presidente)
: Ana Flávia Magalhães Pinto
: Andrey Rosenthal Schlee
: César Lignelli
: Fernando César Lima Leite
: Gabriela Neves Delgado
: Guilherme Sales Soares de Azevedo Melo
: Liliane de Almeida Maia
: Mônica Celeida Rabelo Nogueira
: Roberto Brandão Cavalcanti
: Sely Maria de Souza Costa

Vá no seu tempo e vá até o final:

mulheres negras cotistas
no marco dos 60 anos da UnB

Dione Oliveira Moura
Deborah Silva Santos
(Organizadoras)

EDITORA
UnB 60 

Equipe editorial

Coordenação de produção editorial : Marília Carolina de Moraes Florindo

Revisão : Denise Pimenta de Oliveira
: Emily Dias de Matos

Projeto gráfico : Cláudia Dias

Foto de capa : Inês Ulhôa / Editora UnB

Ilustrações : Petchó Silveira

Fotos de ilustrações : Carlos Borges

© 2022 Editora Universidade de Brasília

Direitos exclusivos para esta edição:
Editora Universidade de Brasília
Centro de Vivência, Bloco A - 2ª etapa, 1º andar
Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte, Brasília/DF
CEP: 70910-900
Site: www.editora.unb.br
E-mail: contatoeditora@unb.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta
publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por
qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de Brasília
Camila Moreira Mendes Barcelos – CRB 1/2193

V111 Vá no seu tempo e vá até o final : mulheres negras
cotistas no marco dos 60 anos da UnB / Dione
Oliveira Moura, Deborah Silva Santos
(organizadoras). – Brasília : Editora
Universidade de Brasília, 2022.
168 p. ; 27 cm.

ISBN 978-65-5846-127-2 (impresso).
ISBN 978-65-5846-121-0 (e-book).

1. Mulheres negras. 2. Universidades e
faculdades - Ingresso. 3. Programas de ação
afirmativa na educação. 4. Universidade de
Brasília - História. I. Moura, Dione Oliveira
(org.). II. Santos, Deborah Silva (org.).

CDU 378.014 (09)



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Sumário

Apresentação

“Quando as mulheres negras se movem...” 9

Dione Oliveira Moura
Deborah Silva Santos

Parte 1

Nossos passos vêm de longe

Jornalista, professora, pesquisadora negra americana e relatora do projeto da política de ações afirmativas da UnB: a vivência de uma epistemologia afrocentrada 17

Dione Oliveira Moura

Ações afirmativas para estudantes cotistas na UnB 23

Deborah Silva Santos

Vinte anos do EnegreSer:

aprender e fazer História com o movimento negro 29

Aida Feitosa

Parte 2

Nós, mulheres negras americanas, na construção da história da UnB

O papel histórico da primeira turma de cotas raciais na UnB 37

Aline Pereira da Costa

Alegria da experiência como cotista negra 43

Andressa Marques da Silva

E agora sou eu que vivo esta história! 47

Anna Caroline Costa Silva

Uma revoada em curso 49

Camila Cecilina do Nascimento Martins

Cotas para negros despertam a consciência para os problemas sociais relacionados a raça e cor 53

Dalila Noletto Torres

“Isso é por eu ser uma mulher preta?” 59

Deborah Carolina Silva Duarte

É desta terra fértil que nasce e floresce muito do que sou e do que faço 63

Elen Cristina Ramos dos Santos

Na UnB, aprendemos a nos posicionar politicamente para as lutas sociais 69

Flora Egécia

Nossas vidas importam 73

Hallana Moreira Ramalho Costa

O sistema de cotas para negros é, sim, um direito 79

Iara de Jesus dos Santos

A primeira da família a ingressar no ensino superior 85

Juciele Fonseca

Explorar tudo o que a UnB pode oferecer 87

Julian Esttefane da Silva Reis

O papel das professoras negras e antirracistas para a inclusão das cotistas negras 91

Kátia Silene Souza de Brito

Transcender como negra a cada dia 97

Keila Meireles dos Santos

A importância do sistema de cotas para negros na minha trajetória 101

Letícia Bispo

Ocupar um espaço que pertence ao povo negro 107

Maria Antônia Perdigão

Sou uma mulher negra, fui criada por mulheres negras e me inspiro nessas mulheres 115

Mariana Paiva Soares

O empoderamento a partir do ingresso na Universidade como cotista racial 119

Michele Duarte da Silva

Nós, negros e negras, somos capazes e merecemos estar na UnB 127

Vitória Carolina Silva Duarte

O empoderamento para contribuir com a comunidade quilombola e a região 131

Maria Lúcia Martins Gudinho

Parte 3

Celebrar as vitórias e avançar

À guisa de conclusão: 60 anos da UnB, 19 anos da política de ações afirmativas na UnB 143

Dione Oliveira Moura
Deborah Silva Santos

Posfácio – Uma abordagem interseccional de raça, gênero, classe e outros marcadores 153

Renísia Cristina Garcia Filice

Sobre as autoras 161







Parte 2

Nós, mulheres negras americanas, na construção da história da UnB



O papel histórico da primeira turma de cotas raciais na UnB

Aline Pereira da Costa

A escolaridade e as origens da minha família

Não é muito clichê assumir e reconhecer que, quando nascemos ou mesmo quando somos concebidos, já estamos fazendo história e sendo história. Esse novo ser também já está sendo constituído como membro de um grupo de determinada cor, classe e raízes sociopolíticas e culturais. Assim como nossos traços genéticos são resultados de várias combinações de genes dos nossos genitores, que também trazem em si combinações de seus próprios pais, e assim sucessivamente, me sinto e me ponho como resultado das minhas raízes e das raízes dos meus ancestrais. Em cada experiência aqui descrita pude resgatar um pouco da minha história e, neste memorial, abordar quatro aspectos principais que são responsáveis pela formação dos meus valores e pelos processos que envolvem minha vida atualmente.

Meus pais nasceram em Brasília, na década de 1960, e por isso vivenciaram todas as dificuldades dos filhos de migrantes nordestinos no início da construção da capital do Brasil. Minha mãe, filha de uma piauiense (de Gilbués-PI) com um baiano (de Formosa do Rio Preto-BA) que vieram para Brasília na mesma perspectiva e trajetória que tantos outros nordestinos. A história deles também passa pelo estado de Goiás, até chegarem à vila onde residiam os candangos que ajudaram na construção de Brasília. Assim como todos os outros, eles também foram “convidados” a se mudar para o Centro de Erradicação de Invasões (atualmente Ceilândia), periferia de Brasília. Infelizmente não cheguei a conhecê-los, mas a história de dor e suor deles influenciou diretamente a minha história. Minha avó morreu quando minha mãe tinha apenas sete anos, o que levou meu avô ao alcoolismo. Isso fez com que sua família passasse por situações extremas de dificuldades financeiras e sociais. Essas situações fizeram da minha mãe uma grande guerreira, resiliente, de espírito contestador e solidário, que não se cala diante de injustiças. Essa característica e esses valores foram transmitidos a todas nós, suas filhas.

Coincidentemente, as configurações histórica e geográfica dos meus avós paternos são praticamente as mesmas. Ambos baianos de Morro do Chapéu-BA e Formosa do Rio Preto-BA,

se casaram em Gilbués-PI e migraram para Ceres-GO, uma cidade na qual havia muitas plantações de café. Em 1959, meus avós paternos vieram para a inauguração de Brasília a fim de trabalhar e morar aqui. Diferentemente dos meus avós maternos, eles conseguiram, mesmo com dificuldades, fazer com que seus oito filhos se “encaminhassem” na vida. Ambos, atualmente falecidos, foram responsáveis por inculcar ou transmitir vínculos e costumes familiares que eu também carrego até hoje. Como continuidade desse legado de resistência, no ano de 1985, na cidade de Sobradinho-DF, nascia mais uma menina no Hospital de Sobradinho no Distrito Federal, capital do Brasil, apesar de a minha família residir em Ceilândia-DF, pois minha mãe tinha medo de ter filhos no hospital da cidade pela situação precária dele.

Minha escolarização, do ensino básico ao ensino médio

Ao longo desses 35 anos de história, passei por algumas cidades satélites: Ceilândia, de 1985 a 1989; Sobradinho-I, de 1989 a 1992; Planaltina (Jardim Roriz), de 1992 a 1993; e Sobradinho-II, de 1993 até os dias de hoje. Nessa terceira é onde se inicia a minha trajetória escolar, aos seis anos, em Planaltina-DF, em uma escola pública que tinha “patamares” de escola particular. Toda a estrutura da escola, com jardins, prédios e piscina, remonta a um ambiente bem agradável, distinto do que se via na maioria das escolas públicas dos arredores. Por essas condições, o público da escola era bem diferente, com crianças de nível social um pouco elevado, se comparado ao restante das escolas públicas. Não cheguei a cursar todo o ano letivo lá, mas me lembro da sensação de desconforto que sentia naquele lugar, apesar de gostar da ideia de estudar. Minha irmã mais nova nasceu nesse período, e me lembro do dia em que fiquei sabendo pela professora na sala de aula. Parece ter sido o único dia em que fui protagonista de algo naquele espaço.

No ano seguinte, nos mudamos de cidade e, conseqüentemente, de escola. Passei então a estudar no Caic de Sobradinho-II, DF, que era exatamente o oposto da escola anterior. Muita criança, barulho e confusão, porém, era exatamente em frente à minha casa. Nesse lugar estudei da primeira à quarta série. Esse espaço e os outros que se seguiram me permitiram vivências muito comunitárias de ensino. Nesse período meus pais se separaram e minha mãe passou a trabalhar fora. Iniciei o ensino fundamental e fui transferida de escola. A quinta série pareceu um momento sombrio, pois as mudanças na vida me levaram a um provável quadro depressivo. Enquanto eu fazia a quinta série em uma escola emprestada ao governo, o Centro de Ensino Fundamental Bezerra de Meneses, desenvolvi um quadro de isolamento e tristeza. Minha mãe tomou uma medida que mudaria – para melhor – a minha vida. Certo dia ela me entregou uma carta cheia de conselhos e orientações, dos quais eu não me recordo mais. Ao final, a autora se apresentava como psicóloga da UnB e, muito provavelmente, era filha de uma das patroas de minha mãe. A admiração pelas palavras dessa psicóloga da UnB dirigidas para mim ainda quando eu era uma pré-adolescente me fez colocar como uma meta de vida estudar nessa Universidade.

Com isso em mente, fiz a sexta série e, posteriormente, a sétima e a oitava séries no Centro de Ensino Fundamental 07, que ficava a duas ruas da minha casa. Ao final do último ano do fundamental, um dos professores falou dos processos de matrícula no Ensino Médio 01 de Sobradinho, local até então referência para aqueles que gostariam de ingressar na UnB. A grande questão é que ficava em outra parte da cidade; teríamos que pegar ônibus para chegar até lá e poucas famílias dispunham de recursos para tanto. Além disso, os livros costumavam ser bastante caros, mesmo os de segunda mão. Ainda assim fomos eu e outra amiga, que me segue até hoje e com quem também divido o título de mestra, contrariando todas as estatísticas.

Tenho a satisfação de dizer que não somente essa amiga, mas boa parte dos amigos se formaram no ensino fundamental e médio. Pessoas que dividiram dores, alegrias, desafios e perspectivas e que me acompanharam nas dificuldades de cursar um pré-vestibular gratuito que ocorria no período noturno, ao final do terceiro ano, o que tornaria todo o processo educacional extremamente desgastante. Ao final do terceiro ano não consegui realizar a inscrição do vestibular por falta de recursos. Contudo, persisti na minha meta de entrar na universidade e, no semestre seguinte, com a mesma amiga do ensino fundamental, ingressei no curso pré-vestibular organizado pelo Centro Cultural de Brasília, na L2 Norte, chamado Pré-Loyola,¹ que impactou grandiosamente a minha trajetória social, política, afetiva e, por que não, espiritual. Foi outra experiência magnífica que me formou social e politicamente e que me permitiu realizar o grande sonho de ingressar na universidade pública.

Finalmente, lá estava eu, Aline, na UnB

No segundo semestre de 2004, a UnB inauguraria o primeiro vestibular com ações afirmativas de reserva de 20% de vagas para candidatos autodeclarados negros. Ingressar no curso de Pedagogia da Universidade de Brasília pelo vestibular, por meio do sistema de cotas, foi um fator que interferiu total e positivamente em toda a minha trajetória acadêmica. Minha escolha pelo curso de Pedagogia estava ligada ao desejo de ser orientadora educacional e poder fazer, para outras crianças e jovens, aquilo que foi feito por mim, mesmo que a distância, por meio daquela carta. Eu observava que a maioria das pessoas passa muito tempo de sua vida no espaço escolar e que essa experiência acaba influenciando totalmente nossos valores ao longo da vida. Havia também uma análise de que seria um curso mais fácil de entrar, por conta da nota de corte e do baixo custo para cursá-lo.

Como minhas irmãs mais velhas cursaram o Magistério, eu não cheguei a sofrer preconceito por parte de minha família em relação à escolha da profissão, diferentemente de muitas colegas, que relataram ter enfrentado essa resistência em suas casas. Muito pelo contrário, a satisfação da família com a conquista se aliava ao fato de que minhas irmãs mais velhas haviam cursado o Magistério. Uma, pelo fascínio pelo ensino-aprendizagem, a outra, atraída

¹ Curso preparatório gratuito oferecido a estudantes de baixa renda do Distrito Federal pela instituição coordenada por padres jesuítas da Arquidiocese de Brasília. O curso foi ofertado de 2003 a 2011 e atendeu uma grande gama de pessoas que ingressaram, principalmente, na Universidade de Brasília.

pela formação em período integral e pela bolsa que era fornecida aos estudantes. Aos 18 anos, me via impactada pela realidade de estar contrariando as estatísticas sociais e familiares, principalmente por ter vindo de uma realidade de mulheres que se casaram e se tornaram mães na adolescência, abandonando os estudos antes ou durante o ensino médio. O racismo nunca me deixou ignorar que eu era uma mulher negra, mas ingressar na universidade pelo sistema de cotas para negros inauguraria outro momento no debate racial no país e impactaria diretamente a minha realidade como estudante universitária. Esse momento e essa experiência transformariam minha identidade e perspectiva de vida, pois fazer parte da primeira turma de cotas da UnB me trouxe um pertencimento racial bastante distinto: agora eu não era apenas negra, mas tinha uma história e fazia parte de um povo, o povo negro.

A consciência racial que adquiri foi fruto direto das experiências e trocas de saberes ocorridas dentro do Centro de Convivência Negra (CCN) da UnB, espaço que sediou o Programa Brasil Afroatitude.² Os bolsistas do programa recebiam um recurso de 240 reais e, em contrapartida, deveriam desenvolver atividades de pesquisa e/ou extensão na Universidade. Porém, nem tudo foram flores. Após perceber que o curso de Pedagogia não tinha mais uma habilitação que me permitiria ser Orientadora Educacional, me distanciei da área de educação. Utilizei-me da prerrogativa de que cada graduando deveria montar seu próprio currículo, transcendendo as barreiras e institutos e percorri todos os departamentos que me despertavam interesse. Ciência Política, Antropologia, História e Psicologia foram as áreas que mais me causaram interesse e onde tive oportunidade de desenvolver conhecimentos diversos que impactam, ainda hoje, na minha atuação profissional. Mesmo diante de todas as dificuldades e do choque de percepções e visões de mundo, encontrei nessa oportunidade uma das grandes vantagens de estudar em uma universidade pública, e até o momento, gratuita e de qualidade.

Desde que entrei na UnB tive a compreensão de estar em um lugar que tinha muito a oferecer à sociedade e, na condição de estudante de classe popular, tinha quase a obrigação de devolver à sociedade o conhecimento ao qual estava tendo acesso. Por participar do grupo Afroatitude desde o primeiro semestre de 2005, tive acesso a várias oportunidades de pesquisa e extensão e, por meio delas, pude viver experiências que fizeram toda a diferença no meu processo de formação de identidade coletiva e individual. Dentre elas, posso destacar o Projeto Jovem e Ação – parceria entre a Secretaria de Desenvolvimento Social do Governo do Distrito Federal e a UnB –, que me permitiu atuar, em 2006, como orientadora de jovens em conflito com a lei, o que deu um novo sentido a minha formação acadêmica. Esse projeto abriu minha mente para a atuação na Política de Assistência

² Programa integrado de ações afirmativas para universitários negros, ao qual fui vinculada como bolsista e ativista durante quase todo o período em que estive na universidade entre os anos de 2004 e 2008. O programa era voltado a estudantes negros, preferencialmente cotistas e de baixa renda, cujo financiamento e proposta haviam surgido no Ministério da Saúde, mas que após alguns anos fora assumido pela própria Universidade. Santos (2015) afirma que seus “resultados a curto prazo foram capazes de tornar o ambiente universitário menos difícil para seu ínfimo número de bolsistas, cinquenta em cada uma das universidades participantes” (Santos, 2015, p. 115).

Social. Outra experiência marcante certamente foi a iniciação científica por meio do Grupo de Pesquisa Gerações e Juventude (Geraju), com a pesquisa “Trajetória Familiar e Escolar de Estudantes Mulheres Cotistas”, orientada pela pesquisadora doutora Wivian Weller, que me propiciou inserção em um lugar privilegiado dentro e fora da academia: lugar e condição de pesquisadora negra.

Ao final da minha graduação, meu entendimento das relações étnico-raciais e das perspectivas de exclusão do povo negro no Brasil já havia se ampliado, e surgiu a angústia de perceber que, mesmo dentre os perfis sociais que compõem a população negra, existiam grupos ainda mais vulneráveis e marginalizados e que mereciam ainda mais atenção da sociedade, da academia e do Estado. Passei então a observar, me interessar e querer compreender o universo das pessoas em situação de rua ou privadas de liberdade, que, além de não usufruírem dos direitos básicos, vivenciam um processo de desumanização estrutural e institucional. Dessas circunstâncias e convicções nasceu minha atuação profissional e militante no campo dos direitos humanos. Ao final da graduação, optei por prestar concursos em áreas relacionadas ao serviço social e ao sistema socioeducativo, tendo sido aprovada em duas ou três seleções.

Minha carreira com o diploma da UnB

Em maio de 2010, ingressei na carreira pública de assistência social, no cargo de educadora social, para atuar com abordagem social junto à população de rua no Distrito Federal. Um imenso desafio, recheado de grandes aprendizados. Nos anos que se seguiram, desenvolvi minha atuação profissional juntamente com a acadêmica. Me tornei especialista em adolescência e juventude pela Universidade Católica de Brasília, com um Trabalho de Conclusão de Curso sobre o extermínio da juventude negra, um estudo totalmente relacionado com minha práxis militante, a partir do meu envolvimento na rearticulação da Pastoral da Juventude de Brasília em 2011 e 2012 e, em seguida, de minha participação no Fórum de Juventude Negra do Distrito Federal até o ano de 2015 e também no Movimento Negro Unificado (MNU) até os dias atuais.

Impulsionada pelos processos de militância, passei a buscar programas e linhas de pesquisa na área, tendo encontrado, em 2015, no Programa de Pós-Graduação em Relações Étnico-Raciais no Rio de Janeiro, uma possibilidade interessante de estudo e pesquisa. Entretanto, me ausentar de Brasília era algo ainda difícil de cogitar, pelas relações familiares e por minha situação profissional.

Somente em 2017 me vi em condições de dar continuidade ao tão sonhado percurso na pós-graduação. Concluí meu mestrado em 2019 (Costa, 2019); quando o iniciei, pareceu, como sempre, ser o momento exato. Experimentei uma orientação coletiva com outros cinco pesquisadores e pesquisadoras de áreas diversas. Pude conhecer melhor a mim e aos meus irmãos. Me tornei melhor. Uma pesquisadora melhor. Uma profissional melhor. Sou grata ao universo por essa experiência.

Estar ainda, nos dias de hoje, ligada ao movimento social negro e carregando os desafios de ser uma mulher negra pesquisadora e servidora pública, que trabalha e atua em prol da emancipação dos seus, me faz retomar os primeiros passos da minha formação, quando era uma adolescente cheia de esperança e expectativas. Me sinto vitoriosa. Uma vitória coletiva. Da minha família. Da universidade pública. Das políticas de ações afirmativas. Do movimento negro. Dos meus ancestrais.

Referências

COSTA, Aline Pereira. *Onde começa a exclusão?* Trajetória sócio-racial de jovens negros em cumprimento de medida socioeducativa no Distrito Federal. Dissertação (Mestrado em Relações Étnico-raciais) – Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, Rio de Janeiro, 2019.

Sobre as autoras

Dione Oliveira Moura (organizadora)

Professora titular da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (FAC-UnB). É graduada em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Federal de Goiás (1986), mestra em Comunicação pela Universidade de Brasília (1990) e doutora em Ciência da Informação pela Universidade de Brasília (2001). Na Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), atuou como sócia fundadora, diretora editorial (2004-2005 e 2006-2007), coautora do projeto editorial da *Brazilian Journalism Research* (BJR) (2004) e presidenta (2011-2013). Foi diretora da Socicom e atualmente é diretora regional Centro-Oeste da Associação Brasileira de Ensino de Jornalismo (Abej). Na UnB, é docente do quadro desde setembro de 1995 e atuou em funções administrativas e acadêmicas, na vice-chefia e chefia do Departamento de Jornalismo, na Coordenação de Graduação, na Coordenação de Pós-Graduação e na Diretoria de Apoio à Pós-Graduação do Decanato de Pesquisa e Pós-Graduação. Atualmente, é diretora da FAC (Gestão 2019-2023). Também na UnB atuou e atua em conselhos e câmaras, como o Conselho Universitário (Consuni), o Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (Cepe), dentre outros. No que diz respeito ao tema central deste livro, foi eleita pelo Conselho de Ensino Pesquisa e Extensão (Cepe) da UnB como relatora do processo de implantação da política de cotas e ingresso de indígenas na UnB, quando da aprovação do Plano de Metas para a Integração Social Étnica e Racial da UnB pelo Cepe em 6 de junho de 2003; e, além disso, desenvolve pesquisas e orienta projetos de pesquisa relacionados a jornalistas negras e igualdade racial.

Deborah Silva Santos (organizadora)

Doutora em Museologia pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia (ULHT) – Lisboa/Portugal. Mestra em História Social pela PUC/SP. Especialista em Museologia Avançada pelo Instituto de Museologia da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Historiadora pela PUC/SP. Atualmente é professora na Universidade de Brasília (UnB), atuando no curso de Bacharelado em Museologia. Ex-aluna do Workshop de Dissertação Mark Claster Mamolen (2018) do Afro-Latin American Research Institute/Harvard University. Pesquisadora do grupo de pesquisa Museologia, Memória e Patrimônio do PPGCInF da FCI/UnB. Pesquisadora do Grupo de Estudo e Pesquisa

em Políticas Públicas, História, Educação das Relações Raciais e Gênero (GEPPHERG). Membro do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiro (NEAB/CEAM/UnB). Áreas de pesquisa: museu e Museologia, estudos das relações raciais, mulheres negras, memória e patrimônio afro-brasileiro e museus afro-brasileiros.

Aida Feitosa

Atua profissionalmente como jornalista, analista ambiental, professora e pesquisadora. Como ativista do movimento negro brasileiro, participou da criação do EnegreSer (Coletivo de Estudantes Negros da UnB), fundado em 2001; integra a Comissão de Jornalistas pela Igualdade Racial (Cojira); e integra o Coletivo Beatriz Nascimento (que reúne estudantes negros e indígenas da Pós-Graduação em Comunicação da UFRJ). Graduada e mestra em Comunicação pela Universidade de Brasília (UnB). Doutoranda em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Aline Pereira da Costa

Graduada em 2008 pela UnB. Mestra em Relações Étnico-Raciais pelo Cefet/RJ em 2019. Também se especializou em Adolescência e Juventude pela Universidade Católica de Brasília em 2012. Foi bolsista (2005-2008) e vice-coordenadora do Programa Afroatitude UnB entre os anos de 2009 e 2010, quando ingressou na carreira pública de assistência social do Governo do Distrito Federal. Chefiou o Núcleo de Afroempreendedorismo da Secretaria de Mulheres, Igualdade Racial e Direitos Humanos (2015) do GDF e compôs o Comitê de Equidade de Gênero e Raça do Senado Federal (2020). Atualmente, trabalha como educadora social na Secretaria de Desenvolvimento Social do GDF e integra o Núcleo de Pesquisa e Estudo em História, Territorialidades e Movimentos Sociais da Universidade Estadual do Piauí.

Andressa Marques da Silva

Graduada em Letras pela UnB, mestra e doutora em Literatura pela UnB. Atua na Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal na elaboração de documentos norteadores e acompanhando as políticas públicas da instituição voltadas para os/as estudantes negros/negras e também em um projeto de formação de leitores a partir da experiência literária, especialmente com autoras negras.

Anna Caroline Costa Silva

Bacharela em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (FAC-UnB); moradora de Brazlândia-DF e bolsista de extensão do Projeto Comunicação Comunitária (ComCom) da FAC-UnB.

Camila Cecilina do Nascimento Martins

Mestranda em Direito na UnB. Leonina, piauiense, afro-indígena, advogada popular. Associada do Coletivo Antônia Flor – Assessoria Técnica em Direitos Humanos do Piauí. Especialista em Direitos Humanos e Cidadania pela Faculdade Adelman (FAR).

Dalila Noleto Torres

Doutoranda em Ciências Sociais no Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas (PPGECsA) do Departamento de Estudos Latino-Americanos (ELA) do Instituto de Ciências Sociais (ICS) da Universidade de Brasília (UnB). Pesquisadora visitante (em estágio-sanduiche) na Universidad Centroamericana en Managua, Nicarágua. Mestre em Estudos Latino-Americanos pelo Teresa Lozano Long Institute of Latin American Studies (LLILAS) da University of Texas at Austin (UT Austin). Graduada em Ciência Política pela Universidade de Brasília. É membro do Grupo de Estudos sobre México, América Central e Caribe (MeCACB/ELA) e do Grupo de Estudos Interdisciplinares sobre Gênero (GREIG/ELA).

Deborah Carolina Silva Duarte

Graduada em Biotecnologia na UnB. Membro da Genesys Biotecnologia (Empresa Júnior) de 2017 a 2020, onde foi assessora dos setores administrativo e financeiro de agosto de 2017 a dezembro de 2018; diretora dos setores administrativo e financeiro de janeiro de 2019 a junho de 2019; diretora de operações de julho de 2019 a dezembro de 2019; e vice-presidente de janeiro de 2020 a dezembro de 2020. Estagiou no Laboratório de Fisiologia Vegetal da UnB do segundo semestre de 2019 ao primeiro semestre de 2020 e no Laboratório de Biologia Forense da Polícia Civil do DF de junho de 2021 a agosto de 2021.

Elen Cristina Ramos dos Santos

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGS/UFRGS). Licenciada em Ciências Sociais e Bacharela em Sociologia pela Universidade de Brasília (UnB).

Flora Egécia

Designer e cineasta, graduada em Desenho Industrial pela UnB e mestranda em Design no PPGDesign IdA/UnB. Em sua trajetória realiza diversos projetos sobre raça, gênero, saúde mental e política. É sócia do Estúdio Cajuína e recebeu, em 2017, o Prêmio do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal no eixo Culturas Afro-brasileiras. Diretora do documentário *Das Raízes às Pontas* (2015), dentre outras produções.

Hallana Moreira Ramalho da Costa

Bacharela em Jornalismo pela Universidade de Brasília (2020). Jornalista profissional, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília.

Iara de Jesus dos Santos

Jornalista, graduada em Jornalismo pela Faculdade de Comunicação (FAC) da Universidade de Brasília (UnB). Ingressou na UnB em 2015; defendeu, em 2021, o TCC *Ir à luta e garantir nossos espaços: Marcha das Mulheres Negras, memórias e novas vivências*. Participou da empresa júnior Pupila Audiovisual como membro de produção, direção de arte e como diretora de capacitação entre 2016 e 2018. Atualmente é produtora no “Canal Empreender”, na TV fechada, parceria entre o grupo Bandeirantes e o Sebrae.

Juciele Fonseca

Técnica de som direto de Brasília, graduada em Audiovisual pela Universidade de Brasília. Dentre os trabalhos realizados profissionalmente como técnica de som, destacam-se os documentários em longa-metragem *Mundo Pequeno* (Gustavo Amora, 2018), *Sementes – Mulheres pretas no poder* (Júlia Mariano) e *Confluências* (Dacia Ibiapina), além dos curtas-metragens *Mens who Talk* (Cristin Noelle, 2020), *Filhas de Lavadeira* (Edileuza Penha, 2018), dentre outros.

Julian Esttefane da Silva Reis

Graduada em Pedagogia pela UnB. Estuda Sociologia da Educação com foco no acesso e permanência no ensino superior. Professora temporária da Secretaria da Educação do Distrito Federal (SEEDF).

Kátia Silene Souza de Brito

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPG-CINF) da UnB e graduada em Museologia pela Faculdade de Ciências da Informação da mesma Universidade (FCI/UnB). Foi bolsista de iniciação científica (Pibic), com pesquisas nos temas Museologia, memória e patrimônio, Museologia virtual e cibermuseologia: estudos conceituais, mapeamentos e análise de manifestações virtuais museais e patrimoniais. Atualmente integra o grupo de pesquisa MUSEOLOGIA LAB: Laboratório de Pesquisa em Cultura digital e Museologia Virtual.

Keila Meireles dos Santos

Mestra em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal Fluminense (PPGS/UFF), especialista em História e Cultura Afro-Brasileira e Africana pela Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás (UFG), graduada em Biblioteconomia pela Universidade de Brasília. Tem interesse em estudos sociológicos, Ciência da Informação com foco em produção e disseminação de culturas voltadas para jovens, atuando especificamente nos seguintes temas: juventude, gênero, raça/etnia, ação afirmativa e movimento *hip hop*. De 2017 a 2019 trabalhou como servidora analista de gestão governamental da Universidade Estadual de Goiás (UEG). Servidora bibliotecária-documentalista da Universidade Federal de Uberlândia (UFO).

Letícia Bispo

Bacharela em Comunicação Social/Audiovisual pela Universidade de Brasília, mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Trabalha como curadora, pesquisadora e crítica nas áreas de cinema e audiovisual. É técnica-administrativa em educação, na área de audiovisual, na Faculdade de Comunicação (FAC) da Universidade de Brasília.

Maria Antônia Perdigão

Graduada em Comunicação Social pela Universidade Federal de Viçosa (UFV) e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Comunicação (PPG/FAC) da Universidade de Brasília (UnB). Pesquisadora no eixo temático racial, atua há mais de uma década no mercado como jornalista, assessora de imprensa e *social media*. Tem vasta experiência em áreas como política, Poder Legislativo e projetos de iniciativas socioambientais. Ao longo de sua trajetória, trabalhou na Câmara dos Deputados e na Executiva Nacional de partidos políticos. Atualmente é gestora das atividades de Comunicação Social de organizações não governamentais e entidades filantrópicas.

Maria Lúcia Martins Gudinho

Graduada em Licenciatura em Educação do Campo, com habilitação na área de Línguas (Língua Portuguesa, Espanhol, Artes, Teatro e Literatura), na Universidade de Brasília. Membro da Coordenação Pedagógica do Projeto Residência Jovem. Monitora do Núcleo Territorial Kalunga. Fez graduação-sanduíche na Universidade Anton de Kom (Suriname). Especialista em Língua Portuguesa Aplicada ao Ensino Básico – Faculdade UnB Planaltina-DF. Atualmente é assessora de comunicação da Prefeitura de Cavalcante-GO.

Mariana Paiva Soares

Formanda em Comunicação Organizacional pela Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. Trabalha como *social media* do projeto Jovem de Expressão e tem experiência com assessoria de comunicação e imprensa, produção audiovisual, assistência de produção, elaboração de projetos, roteiro e fotografia. Foi roteirista do documentário *Poeira que ainda respiramos*, que fala das memórias da ditadura militar na UnB. Como fotógrafa, participou da exposição *Lembretes do Existir*, na galeria Risofloras.

Michele Duarte da Silva

Licenciada em Ciências Naturais pela UnB, ingressou no ano de 2015 na Universidade. Hoje, atua no sistema socioeducativo da Secretaria de Educação do Distrito Federal (SEDF).

Renísia Cristina Garcia Filice

Professora Associada da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (UnB). Membro da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as. Líder do Grupo de Estudo e Pesquisa em Políticas Públicas, História, Educação das Relações Raciais e de Gênero, da Faculdade de Educação da UnB (Geppherg-FE/UnB). Membro do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (Neab-CeamUnB) e da Comissão de Acompanhamento de Políticas de Ações Afirmativas na Pós-Graduação da Universidade de Brasília (Capaa/UnB).

Vitória Carolina Silva Duarte

Mestra e doutoranda em Engenharia Mecânica na Universidade de Brasília (UnB). Graduada em Engenharia Mecânica pela Universidade de Brasília (UnB), tem especialização em Engenharia em Segurança no Trabalho pelas Faculdades Cruzeiro do Sul.

Este livro foi composto em UnB Pro e Liberation Serif.

Vá no seu tempo e vá até o final:

mulheres negras cotistas no marco dos 60 anos da UnB

Esta obra vem coroar os 60 anos da Universidade de Brasília, uma Universidade à frente de seu tempo, que tem pontos a serem superados, mas que não estagna.

A cada ano a UnB avança e desponta no cenário nacional como uma das maiores referências do Brasil e da América Latina. Ano a ano, pouco a pouco, a sociedade diversa se faz presente no interior da UnB, e esta se espalha Brasil a fora formando pessoas tecnicamente competentes, humanamente sensíveis e socialmente comprometidas com um outro mundo possível, antirracista, antissexista e tecnicamente qualificado.

Existem ainda grandes desafios a serem superados, inclusive no monitoramento da política, em particular na permanência, mas já colhemos resultados que revelam quão potentes são as políticas afirmativas para mudar o mundo – sim, sonhamos alto.

Nesta obra, os relatos e pesquisas das mulheres negras não deixam dúvidas do quanto podemos sonhar e realizar. Ademais, timidamente, as novas epistemologias estão em curso, os novos currículos, as novas formas de ser e estar no mundo se articulam de forma inter, multi e transdisciplinar.

Renísia Filice